

Acontece que era 2020

Vivian Valentim de Souza

“Este ano vai ser diferente”, ele pensou consigo mesmo.

“Este ano vai ser diferente”, disse então em voz alta para quem quisesse ouvir. Já eram muitos anos vivendo na rua, como andarilho, vendendo seus artesanatos. Era um cidadão do mundo, para quem as fronteiras eram só uns passos a mais de terra para caminhar. Deste lado, a lanchonete servia arroz com feijão, uns metros pra lá todo mundo segurava um mate. Mas cruzava-se a fronteira para comprar café brasileiro por um bom preço, e o pessoal do lado de cá conhecia muito bem as empanadas. Era curioso esse degradê cultural que parecia ter uma linha abrupta o cruzando, como que dizendo “daqui a um passo o café já não é a bebida energética mais tomada, você está em outra nação”.

Outra nação. A primeira vez que ouviu isso foi numa praça de Tilcara, no norte da Argentina. Não encontrou nenhum brasileiro por lá, mas muitos turistas locais. E ele, que havia carregado por cada passo sua casa, trançado cada colar, envergado cada arame de brinco para comprar sua comida, chegou à praça da cidade exausto. Sentado naquele banco, tirou um pacote de biscoitos da mochila e começou a comer, pensativo. Um velho senhor tilcara se sentou ao seu lado e perguntou “Estás pensando na vida?”. O rapaz, muito curioso para saber que coisas diria aquele senhor sobre a vida, respondeu que sim, estendendo-lhe a mão com um biscoito, que o homem aceitou de bom grado.

“De onde você vem?”, aparentemente seu sotaque o havia entregado. Essa era outra coisa que mudava ao se cruzar as fronteiras, ainda que o portunhol fosse língua franca em muitos lugares. “Do Brasil”. “Brasil? Brasil é outra nação... Você vem de outra nação?”.

Aquela pergunta o intrigou por alguns segundos. O que era mesmo nação, afinal? “Sim... outra nação”. E durante o resto da tarde as distâncias se materializaram na conversa com aquele senhor que nunca havia deixado sua região, mas conhecia muito do mundo pelos viajantes com quem conversava.

Foi naquele pedaço do globo que nosso andarilho conheceu um grande amor, dos olhos amendoados mais lindos que já havia visto, e que anos depois se tornaria a mãe de sua filha. Ela também era de outra nação, e juntos percorreram muitos rincões do cone sul latino-americano, até chegarem à suas cidades natais. Nelas, pequenas, meio esquecidas por todos, era difícil estabelecer-se, e a sombra da irregularidade como imigrante sempre assombrava um ou o outro.

* *Mestranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.*

Num determinado momento essa dança de cruzar fronteiras e lutar pela vida e um trabalho que permitisse vistos de permanência se tornou exaustiva, levando o casal a se separar.

O jovem continuava sua busca por um lugar para chamar de lar, quando soube que seu antigo amor havia frutificado e em poucos meses nasceria a pequena, síntese de duas culturas, idiomas e distâncias. Neste ponto voltamos ao início desta história: “Este ano vai ser diferente”, disse então o recém descoberto pai, pronto para nutrir o solo e ver o brotinho de suas sementes nascer, presenciar a explosão de alegria e esperança se materializarem naqueles olhinhos que, se o destino fosse bom, seriam iguais aos da mãe. Era muito solo para percorrer, trabalho extra para poder pagar passagens e não somente comer, mas, se tudo desse certo, chegaria para presenciar o nascimento de sua filha.

Foram quase dois meses de retirância até chegar à fronteira e observar, com os olhos feitos água, a garrafa térmica segurada na axila e a pequena cuia de mate na mão das pessoas, que o encaravam menos com curiosidade do que como um velho conhecido. Dali em diante as caronas eram mais amigas, e em poucas semanas estaria no princípio de um novo e definitivo lar com seu velho amor.

Acontece que o ano era 2020, aparentemente o ano sabático de Deus, que deixou todo tipo de desordem recair sobre a terra, entre elas uma pandemia causada por um vírus ainda muito misterioso, que se propagava rapidamente. Talvez o Senhor estivesse mesmo cansado de despender tanta energia neste mundo, e isso o artesão podia entender, mas a corda sempre estoura do lado mais fraco, e aqueles que viviam de trabalhar nas ruas, contando com os transeuntes para ganhar o pão de cada dia, depararam-se com uma lacuna nas vendas, nas perspectivas, na vida. As estradas de repente estavam vazias, e a cada dia diminuía as esperanças do jovem de chegar a tempo para o nascimento da Maria Flor, seu raminho de luz. Certo dia, ao acordar já invadido de tristeza, percebeu que boa parte de seus pertences havia desaparecido, inclusive alguns presentes que coletara durante a viagem. Seus sentimentos, mar em tormenta, o chacoalharam e abriram caminho por seus olhos como tromba d’água em cachoeira.

Quase um mês se passou até que ele chegasse àquela pequena e conhecida vila, pronto para ouvir o choro do bebê que já havia nascido. Ao chegar ao portão da casa, uma moça de cara exausta e decepcionada, os olhos amendoados agora tão fundos e os ombros rígidos de quem teve que passar por muito e carregava sozinha a responsabilidade de uma vida, disse: “Como você demora três meses para chegar?”. Apesar da urgência em descansar, o pânico e as incertezas sobre o vírus já estavam instaurados, e a mãe, temendo por suas vidas, pediu que o andarilho se resguardasse por alguns dias antes de se aproximar de sua filha, que pareceram os mais longos de suas vidas.

Os meses que seguiram foram de calma. A vila não havia sido tão afetada pela pandemia e aos poucos a nova rotina ia se restabelecendo, oferecendo ao jovem oportunidades de subsistência mais promissoras. Começou a trabalhar em uma pequena fazenda, que o acolheu mesmo estando sem documentos, e aos poucos foi talhando seu novo lugar, com a bebê mais simpática do mundo em seus braços. Aquele que até então se desenhava como um ano de angústias e esperas passou a ser o melhor ano de sua vida. Era como se os céus voltassem a sorrir para a terra.

A vida caminhou em coloridos tons pastéis até o final do ano, quando uma segunda onda de contágios do vírus, que já não era mais tão misterioso, resolveu respingar na vila, exigindo novamente o isolamento de todos. Uma fiscalização levou a outra e o sonho da vida serena foi perturbado quando sua falta de documentação foi descoberta. E novamente as águas indóceis do destino o empurravam para seu país de origem. Eram tempos de voltar ao Brasil para emitir sua documentação, com o horizonte auspicioso de poder finalmente registrar sua Flor e viver com mais garantias e estabilidade.

Chegou à sua pequena cidade em dezembro, ansioso por comemorar as festas com sua família e trazer as boas novas da paternidade, planejando cada lugar e memória que compartilharia com sua filha quando pudesse trazê-la para conhecer parte de suas origens. Por esses lados o céu continuava carrancudo, e as perspectivas de futuro se esboçavam entre os vazios que as restrições locais impunham, que o abandono político contornava, entre os vazios que aqueles que partiam deixavam, vazios enormes e profundos, entre fronteiras se fechando e o retorno ao lar adiado. Tudo parecia tão cheio de nada, as valas muito abertas, mas os corpos ocultos, a morte etérea como o baque surdo de um tambor abafado pelas ausências que não podiam ser presenciadas e veladas.

No meio de tanta morte um broto de luz se impunha, enraizando algum futuro naqueles tempos tão estéreis. Era janeiro, Maria Flor crescia, e ele esperava. A mulher dos olhos amendoados, cansada, esperava. Este ano não seria diferente.

São Paulo, fevereiro de 2021.
Baseado em relatos ouvidos durante o ano passado.

